

IRMÃ AMÁBILE AVOSANI



Irmã Augusta Neotti - CF

Nasceu em Rodeio, SC, no dia 31.03.1889

1. Amábile nasceu em Rodeio, SC, bairro de São Pedrinho, no dia 31 de março de 1889. Filha de Carlos Avosani e Radegonda Nolli, que tiveram seis filhos. Amábile ocupava o 4º lugar. Foi batizada na então Capela de Rodeio, Paróquia de Blumenau, no dia 13 de maio de 1889. Frequentou a Escola Paroquial de Rodeio. Aos 13 anos, recebeu a fita de aspirante da Pia União das Filhas de Maria. Em 1910, aos 21 anos, ficou noiva. No mesmo ano, no dia 1º de outubro, foi admitida na Venerável Ordem Terceira de São Francisco (hoje OFS). No mesmo ano, foi acometida de gravíssima doença (provavelmente um tipo de câncer). Considerada incurável, recebeu a Unção dos Enfermos, naquele tempo só administrada aos que estavam à morte. Num momento de melhora, viajou para São Paulo à procura de tratamento.

Família de imigrantes italianos, católica, pobre

2. Rodeio começou e cresceu a partir de 1875, com a chegada de 114 famílias de colonos, vindos da região de Trento, norte da Itália. Todos pobres, porque o Trentino passava por uma grande crise econômica e social. A mata era virgem. Com muita coragem, cada família procurou cultivar seu pedaço de terra e criar os filhos. Os colos, que ocuparam a região de Rodeio (parte do chamado Vale do Itajaí), eram católicos. Nos primeiros 15 anos não tiveram padre, a não ser o pároco de Blumenau, a mais próspera das colônias alemãs, que visitava a capela central três vezes por ano. Mas as famílias se reuniam aos domingos em torno da capela para rezar e contar as novidades.

Em 1892 chegam os Franciscanos

3. Em fevereiro de 1892, visitaram a região de Rodeio Frei Amando Bahlmann e Frei Lucínio Korte. Um grupo de franciscanos, da Província da Saxônia, Alemanha, havia começado a restauração da velha Província franciscana da Imaculada Conceição, que fora muito florescente no Brasil-colônia, mas decaíra durante o Império, chegando a ter um único Frade, que morava no Rio de Janeiro. Não quiseram começar a reforma pelo Rio ou por São Paulo, mas preferiam o sul do Brasil, onde havia muitos colonos alemães, italianos e poloneses. Fixados em Teresópolis, hoje capela de Santo Amaro da Imperatriz, SC, eles foram logo convidados a assumir a paróquia de Blumenau. Antes de aceitarem a oferta, os dois Frades preferiam percorrer seu território, pregar missões populares ao povo e fazerem-se conhecidos dos colonos. Foi assim que Frei Amando e Frei Lucínio, ambos ainda jovens, visitaram a capela central de Rodeio e todas as outras pequenas capelas. Frei Amando tinha uma licença especial do Arcebispo do Rio de Janeiro (Santa Catarina, naquele tempo, pertencia à diocese do Rio) para crismar. Os dois,

além de pregar, batizar, crismar, celebrar os casamentos e santificar os que já estavam unidos, fizeram um levantamento do número dos colonos e suas necessidades espirituais e materiais.

Os Franciscanos abrem a escola que Amábile frequentou

4. Em maio de 1892, os Franciscanos assumiram a Paróquia de Blumenau. Frei Lucínio, como coadjutor de Blumenau, passou a visitar as Capelas da região de Rodeio. Os colos o convidaram a fixar morada com eles. Mas Frei Lucínio lhes lembrou que Frade morar sozinho é um contra-senso. Então o povo construiu um pequeno convento e Frei Lucínio recebeu um irmão leigo, Frei Germano Wunsick, para morar com ele. Os dois, com o povo, levantaram uma escola-capela, de tijolos. Frei Germano, que falava bem o italiano, porque fora porteiro em Roma, assumiu a direção da escola e a maioria das aulas. Em pouco tempo a escola contava com 10 crianças. Foi esta a escola que frequentou Amábile.

04.10.1912: professa na Ordem Francisca Secular

5. Não se compreenderia a vida de Amábile sem a presença dos Franciscanos em Rodeio, quando partiu para São Paulo à procura de uma desejada, mas quase impossível cura, abrigou-se na casa de um tio, não longe da nova escola das Irmãs Salesianas, há pouco chegadas da Itália. Com elas fez alguns cursos práticos, foi em São Paulo, que Amábile fez a promessa de não mais se casar, dedicar-se a obras de caridade e viver nas mãos de Deus. E Deus pôs os olhos sobre ela. Recuperou-se a ponto de poder voltar para a casa dos pais, em Rodeio. No dia 4 de outubro de 1912, fez a Profissão perpétua na Ordem Franciscana Secular. Embora a doença a tenha marcada para sempre e ela tivesse que conviver com o sofrimento, assumiu os trabalhos caseiros, enquanto os pais e irmãos se dedicavam à roça. As obras de caridade começavam em casa, no modo de ajudar a família.

O chamado de Deus através da necessidade

6. Num domingo de maio de 1913, depois da conferência mensal às Filhas de Maria, o pároco Frei Policarpo Schuhen, contou às moças a grande dificuldade que estava tendo com as pequenas escolas nas capelas da paróquia, por falta de professores. Naquele tempo, normalmente, o trabalho da escola era masculino. A escola de Aquidaban, por exemplo, iria ser fechada, porque o professor pedira as contas. Frei Policarpo perguntou se, entre as moças, não haveria alguma que quisesse assumir a escola. Não se precisavam grandes conhecimentos, apenas saber bem o catecismo, somar, dividir, multiplicar, ter boa caligrafia e grande amor às crianças. Amábile se apresentou. Frei Policarpo confiou nela.

Atende o chamado e começa vida nova

7. A caridade se abriria em leque crescente. No dia 3 de junho de 1913. Amábile deixou a casa paterna e passou a morar com as Irmãs da Divina Providência na sede de Rodeio. Uma delas, Irmã Clemência Beninca, nascida na Itália, mas entrada na Congregação em Rodeio, era a coordenadora da catequese e professora na Escola Paroquial. Amábile e ela se conheciam bem, porque Irmã Clemência era também a dirigente das Filhas de Maria. Foi com Irmã Clemência que Amábile repassou o catecismo, a cartilha e as regras básicas de disciplina e organização de uma pequena escola cem por cento rural. Enquanto isso, Frei Policarpo lhe procurou uma família com quem pudesse ficar em Aquidaban, distante, então, 25 Km de Rodeio, levantou uma nova escola de madeira e preparou os pais das crianças para a grande mudança: não mais um professor, mas uma professora.

O povo o chamou de “Maestra” – Mestra

8. Amábile assumiu a escola de Aquidaban, capela, então, de Rodeio, no dia 4 de agosto de 1913. Aquidaban fora fundada em 1878 por imigrantes italianos e alemães. Aquidaban trocou o nome para Apiúna, em janeiro de 1944. Amábile assumiu todas as tarefas que, naquele tempo, exercia o professor do lugar: a escola, a catequese, o cuidado da capela, a presidência do culto dominical e a preparação do povo para as visitas periódicas do padre. De porte respeitável, mulher madura e afável, muito jeitosa na organização, colona como todas as mães das crianças, Amábile venceu as dificuldades e passou – novidade para as escolas da região – a ensinar quase tudo em português. Tornou-se não apenas a professora das crianças, mas também a amiga e conselheira das mães. Durante as férias de fim de ano, Amábile fez um balanço do semestre com Frei Policarpo e Irmã Clemência. Balanço positivo. Retornou à escola de Aquidaban no ano letivo de 1914.

Deus lhe dá as primeiras duas irmãs

9. Em meados de 1914, Frei Policarpo fez novo apelo às Filhas de Maria. Precisava substituir no fim do ano o professor de São Virgílio, distante apenas cinco Km da sede, mas na direção contrária de Aquidaban. Ofereceram-se duas moças: Maria Avosani, irmã caçula de Amábile, e Liduína Venturi. O fato de Maria ter-se apresentado deixa-nos a certeza de que Amábile contara em casa de como se sentia bem e de como podia fazer o bem a tanta gente. Frei Policarpo pôs as duas moças novamente junto à Irmã Clemência para se preparem e terem auto-confiança no novo trabalho. Amábile passou a viajar a Rodeio a cada 15 dias para animar as duas e

aprofundar com Irmã Clemência e Irmã Ambrosina os estudos pedagógicos e, ao mesmo tempo, fazer a experiência da vida fraterna e comunitária. Podia falar às duas novas companheiras da própria experiência e de como superava os obstáculos e assegurar-lhes que ensinar as crianças a serem gente era a maior das caridades que se poderia fazer. Frei Policarpo, nos três dias que precederam o Natal de 1914, pregou-lhes um retiro espiritual. Elas estavam acostumadas a retiros, porque os faziam como filhas de Maria e como membros da Ordem Franciscana Secular. Mas esse retiro foi especial: Frei Policarpo fez-lhes um balanço da situação difícil em que se encontravam as escolas paroquiais nas capelas, com professores envelhecidos, cansados e nem sempre dispostos a assumir a catequese. E mostrou-lhes a possibilidade de um grupo de moças assumirem as escolas, convivendo com as famílias, encontrando-se algumas vezes por ano para a troca de experiências e mútua ajuda. Evidentemente que delas se esperava fidelidade às normas da Igreja para serem mais que “maestras” de palavras “maestra” de vida cristã.

A serviço do povo rural, pobre e heroico

10. No início do século não havia a profissão de congregações religiosas que existem hoje. Nem Frei Policarpo pensava em fundar uma congregação. Mas tinha em mente uma espécie de instituto secular, orientado de perto pelo pároco, a serviço das escolas paroquiais e das capelas. Em termos de hoje: líderes rurais, nascidas do povo, ligadas ao povo e que, pelo comportamento e catequese, ensinassem ao povo a fidelidade a Deus e a seus mandamentos.

O Sim definitivo: nós queremos ficar sempre

11. No dia 14 de janeiro de 1915, Amábile acompanhou Maria e Liduína a São Virgílio. Estavam vestidas como se vestiam as camponesas casadas do norte da Itália em dia de festa: vestido preto comprido, lenço na cabeça, com as pontas amarradas sob o queixo. Não era símbolo de consagração religiosa, mas um símbolo para se imporem respeito. Eram jovens a substituir velhos e respeitados homens professores. Na sacristia, antes da Missa em que apresentaria as novas professoras à comunidade, Frei Policarpo perguntou a Maria e Liduína: “Vocês me prometem ficar ao menos um ano?” Maria respondeu firme: “Um ano, não! Nós queremos ficar sempre!”

Vivem a Regra da Ordem Francisca Secular

12. Este “Nós queremos ficar sempre” é considerada hoje a frase fundadora da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Amábile voltou a Aquidaban. Maria e Liduína assumiram a escola de São Virgílio, também conhecida como Escola do *Cinquenta*, por estar ela e a capela construídas no lote 50 da colonização italiana. As três começaram o ano com dois

compromissos: assumir todos os trabalhos inerentes à escola e viver segunda a Regra da Ordem Franciscana Secular.

O Bispo as chamou “Catequistas”

13. Em julho de 1915, o Bispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, chegou à paróquia de Rodeio em visita pastoral. Evidentemente que o pároco, no relatório das atividades, mencionou as moças, inteiramente dedicadas à paróquia. sabendo que elas se reuniam quinzenalmente e que se tinham imposto um certo regulamento diário e que professavam a Regra da Ordem Terceira de São Francisco, as chamou pela primeira vez pelo nome de “Catequistas”, nome com o qual passaram a ser conhecidas, embora o povo as chamasse de “Maestra”, “Maestra”. Às três primeiras se acrescentaram ainda em 1915: Ida Longo, Filomena Girardi, Celestina Tomelin, Anna Tambosi, Giovanna Tamanini e Inês Venturi. Em fins de janeiro de 1915, Amábile recebeu Ida como companheira em Aquidaban. Filomena e Celestina assumiram a terceira escola: a da comunidade de Diamantina, mais conhecida como Pico. Nas férias do fim de ano, elas não voltaram para a casa dos pais, como seria de esperar, mais ficaram todas juntas, em torno de Irmã Clementina, que era considerada por todas uma mãe bondosa e humilde e, por isso, sabia. Frei Policarpo lhes pregou retiro.

Duas a duas, como manda o Evangelho

14. Em agosto de 1916, as Catequistas já eram 22 e sete as escolas. Amábile continuou em Aquidaban até dezembro de 1927, ou seja, durante 15 anos. Convém citar aqui o depoimento de Dom Carlos Sabóia de Mello, bispo de Palmas, PR, em carta de 6 de julho de 1966: “Por assim dizer, vi surgir a Companhia em 1915. Lembro-me bem dos primeiros passos, quando, em 1915, o Colégio Seráfico de Blumenau foi a Rodeio e vi as primeiras que ainda moravam no colégio das freiras e eram por estas preparadas. Vi as primeiras irmãs com quem Frei Policarpo principiara a fundação. Também recorro as explicações de Frei Policarpo sobre o fim e a organização da fundação: ter um exército de moças devotadas ao catecismo e ao serviço das capelas no interior da paróquia, prestando-se, simultaneamente, à ministração do ensino local. De duas em duas haviam de morar em casa própria, feita pelos sócios da capela; teriam um terreninho fechado para cultivar algo para seu sustento, ao redor da escola, e em nada se distinguiriam das outras moradas do lugar, senão pelo lenço com que cobriam a cabeça. Dariam aulas na escola paroquial durante a semana; nos domingos, faziam a reza na capela como se fosse á hora da missa. Vindo o padre, prestariam a ele todos os serviços e, principalmente, cuidariam de infundir profundo conhecimento da religião e sua prática, nos corações das crianças”. Foi exatamente isso que elas fizeram.

Surge a “Casa das Catequistas”

15. Foi adquirido um terreno para construir uma casa que pudesse ser “a casa das Catequistas”. Mas antes elas tiveram que passar por uma prova grande. A febre tifoide ceifou duas delas ainda em 1916. A extrema pobreza, em que todas viviam, não lhes era obstáculos, porque elas se amavam, amavam o povo e o povo as amava. É verdade que enfrentavam chacotas de rapazes que ano as podiam namorar e certa desconfiança de algumas pessoas, daquelas que o Evangelho chama de “sabidas” e, por isso, incapazes de compreender as coisas de Deus (Lc 10, 21), porque elas não eram nem religiosas nem mulheres de casamento. Eram moças que haviam prometido servir e serviam com dedicação e desinteresse. Não esqueçamos que eram os tempos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Quando o Governo brasileiro começou a fechar as escolas das colônias, cujas aulas eram dadas em alemão ou italiano, por professores estrangeiros, ainda vindos ao Brasil com os imigrantes, salvaram-se as escolas paroquiais do Vale do Itajaí, porque as professoras (as Catequistas) eram todas brasileiras e ensinavam em português.

O Bispo aprova os primeiros Estatutos

16. Entre 1926 e 1927, foram elaboradas os primeiros Estatutos da “Companhia das Catequistas”, aprovados pelo Bispo. Cabe aqui uma observação histórica. No dia 11 de agosto de 1889, o Papa Leão XIII regulamentava uma nova forma de viver como pessoa consagrada: no mundo, com promessas de pobreza, castidade e obediência. Podiam congregar-se em pias associações, sempre sob a jurisdição e tutela do Bispo diocesano. Provavelmente Frei Policarpo pensara teve o cuidado de comunicar todos os passos ao Bispo e de apresentar-lhe anualmente a contabilidade. Acontece, porém, que o no Código de Direito Canônico, entrado em vigor em 1917, ignorou por inteiro esse caminho de santificação e os comentadores do Código aconselhavam às pessoas consagradas que vivessem no mundo a entrar numa das congregações religiosas existentes. Essa norma da Igreja perdurou até os últimos anos do pontificado de Pio XII (1958). Compreende-se, então, que Frei Bruno Linden, novo pároco de Rodeio e, por conseguinte, responsável pelas Catequistas, aos poucos transformasse o grupo numa quase congregação religiosa, impondo-lhe um hábito, constituições, tempo de noviciado e o título de “*Irmãs Catequistas*”. Isso não só com o consentimento do Bispo diocesano, mas cumprindo determinações dele.

Maria, sua irmã, é eleita Superiora Geral

17. Houve na Congregação crises internas, que as crônicas chamam de “tempestades”, sobretudo em 1926, um quase ano santo franciscano, porque se celebrou em todo o mundo o sétimo centenário de nascimento de São Francisco. Todo crescimento pressupõe crise. Na vida humana fala-se, por exemplo, na crise da adolescência ou da menopausa. Crise, ainda que dolorida, não contradiz o desenvolvimento, mas o afirma, o amadurece, lhe dá rumos novos e forças novas. Em fins de 1929, as Catequistas eram 52 e, pela primeira vez reunidas “em capítulo”, sufragaram com 51 votos o nome de Maria Avosani para Superiora geral, cargo a que fora nomeada pelo pároco, provisoriamente, um ano antes. E foi no Natal de 1929 que elas apareceram na Missa solene na Matriz, vestidas com o novo hábito que, com pouca alteração, as distinguiu nas décadas seguintes.

Deixa Aquidaban por Luís Alves

18. Amábile deixou Aquidaban pela escola de Luiz Alves, onde trabalhou por quatro anos. Poder-se-ia perguntar por que Amábile não foi nomeada a primeira Superiora geral, se tudo começara com ela. Amábile foi a vida inteira uma pessoa muito doente. Sua saúde se deteriorava ano após ano. Como poderia ela fazer as viagens naquelas estradas difíceis, apenas carroçáveis, para visitar e animar as irmãs? Houve quem quisesse vê-la magoada por isso. Mas ela tinha em grande consideração sua irmã menor, admirava seu tino de liderança e governo, acompanhado de grande bondade para com as Irmãs. Amábile não era de protestar. Jamais se opôs à transformação do grupo em congregação, ainda que isso significasse desvio do primeiro propósito. Obedecia com humildade. Tinha consciência de que a obra não era dela, mas do Senhor. Dela era a promessa de dedicar-se a obras de caridade. E essas se podiam fazer com hábito religioso ou sem hábito. A palavra do Bispo era a voz da Igreja, a quem prometera fidelidade absoluta, para que sua caridade não se maculasse pela vontade própria.

Desde moça sofreu de estanho reumatismo infeccioso

19. Apesar de corpulenta, Amábile era uma pessoa fisicamente frágil. A vida inteira lhe foi um calvário de sofrimentos físicos. Conta-se que Santa Clara passou os últimos 28 anos de vida acamada. E, embora doente, tinha um grande apostolado de aconselhamento e atendimento a suas co-irmãs. Amábile não foi diferente. Por 42 anos sofreu de um estranho reumatismo infeccioso. A erisipela nas duas pernas e uma quase permanente inchação nas juntas, ainda que lhe dificultassem muito a locomoção, não a impediram de ser fidelíssima à sala de aulas, à capela, à coordenação das Filhas de Maria e da Ordem Franciscana Secular. Mais vezes em seus últimos anos de

professora, dando aula, sofreu hemorragias, que ela disfarçava, antecipando o recreio ou a saída das crianças ou chamando uma juvenista para substituí-la. Não se queixava. Sabia que podia completar o sofrimento corporal a paixão de Cristo (Cl 1, 24). Humildemente aceitava a ajuda de uma co-irmã, para lhe lavar as pernas com ervas medicinais, coisa que ela não conseguia fazer sozinha. E esses momentos eram ricos, porque ocupava o tempo, falando das coisas boas e ruins que lhe tinham acontecido.

Sabia aprender, deixando-se ensinar

20. Embora austera, Amábile era boa de conversa. Belo tipo de autodidata. Não se contentou com os estudos feitos em menina. Não tendo oportunidade de fazer cursos, usava duas técnicas para aprender coisas novas. Lia bastante e perguntava muito a quem sabia. Uma de suas co-irmãs expressou bem esse costume de Amábile, dizendo: “Amábile sabia aprender, deixando-se ensinar”. Por isso, também os Inspetores escolares gostavam muito dela e a respeitavam. Nos termos que deixavam escritos no livro da escola, há elogios à sua organização, à limpeza da sala, ao excelente proveito dos alunos e a sua boa didática. As Irmãs, que conviveram com ela, são unânimes em elogiar o discernimento e o bom senso que tinha diante das coisas novas que chegavam em matéria pedagógica. Ela sabia, por instinto e experiência, seguir o sábio conselho de São Paulo: “Examine tudo e ficai com o que é bom” (1Ts 5, 21).

Mestra severa, mas de grande coração

21. Os alunos a recordam como mestra severa, exigente, mas acrescentam sempre: “Apesar disso, ela tinha um grande coração”. Os pais apreciavam muito essas qualidades de Amábile, porque sentiam que os filhos estavam em boas mãos e com ela necessariamente saíam aprendendo. Muitas mães procuravam seus conselhos para superar crises familiares ou problemas com filhos difíceis. Sua sobrinha deu esse depoimento: “Mamãe sempre nos dizia que a Tia gostava de ensinar e era convicta daquilo que ensinava. Os alunos gostavam de suas aulas”. Naquele tempo o ensino puxava muito pela memória. Era famosa a frase de Amábile: “Vocês devem saber tudo na ponta da língua”.

Ajudava a todos, sem se impor

22. Amábile era também jeitosa em trabalho manuais e gostava de ensiná-los seja às meninas da escola seja às juvenistas. Ela mesma montava seu material didático. Era perfeita no tricô e no cerzir toalhas. Perfeita no bordado e no crochê. E o que sabia, ensinava com carinho de mãe. Boa de desenho, montava os mapas e ilustrava a catequese. Estava sempre disposta a

ajudar as irmãs mais novas a montar os programas de aula ou de catequese ou a escrituração dos livros. Sempre criativa, incentivava muito a imaginação e a aplicação prática dos dotes de cada aluno, de cada irmã que chegava. Era apaixonada por plantas e vasos ornamentais, sobretudo pelas samambaias-de-metro, begônias, gerânios e avencas. Gostava de ir à horte. Acompanhava, com interesse e com opiniões, todo o trabalho que as outras irmãs ou juvenistas faziam. E isso com uma naturalidade imensa, sem nunca impor-se.

Novamente pioneira: vai lecionar no Paraná

23. Frei Policarpo fora transferido para Porto União. Essa cidade catarinense confinava com a cidade de União da Vitória, no Estado do Paraná. Frei Policarpo encontrou em Paula Freitas, uma vila que distava 20 Km de União da Vitória, PR, mas pertencia à paróquia de Porto União, uma escola sem professor. Convidou as Catequistas. Seria a primeira vez que elas saíam do Estado de Santa Catarina. Mas levavam uma vantagem: estariam perto do fundador. A escolhida foi Amábile. Reorganizou a escola e lá lecionou em 1932 e 1933. As Catequistas dirigiam essa escola até fins de 1939. Na madrugada de 22 de agosto de 1939, Frei Policarpo Schuhen foi assassinado por ladrões, que procuravam o dinheiro da festa paroquial. Tinha 65 anos de idade e 40 de sacerdócio. Amábile guardara sempre um carinho respeitoso por aquele que fora, em sua vida, a mão e a voz de Deus. Desde 30 de agosto de 1982, os restos mortais do fundador repousam no mausoléu das Irmãs Catequistas, no cemitério de Rodeio ao lado de Amábile e Maria Avosani e Liduína Venturi.

Elaboração de novos Estatutos

24. Em 1927 foi criada a nova diocese de Joinville, desmembrada de Florianópolis. Dom Pio de Freitas, o primeiro bispo de Joinville, assumiu o cargo em agosto de 1929. Interessou-se muito pelas Catequistas, reelaborou os Estatutos e insistiu na criação de um postulante antes do noviciado. A preparação das meninas, quase todas adolescentes, que se apresentavam para serem Catequistas, era absolutamente necessária, porque vinham de famílias colacas, com apenas o catecismo escolar e os bons costumes das famílias católicas. No dia 19 de julho de 1935, depois de consultada a Sé Apostólica. Dom Pio de Freitas elevava a Associação das Catequistas a Congregação Diocesana. As Irmãs eram já 78. Quando, em 1939, celebraram os 25 anos, eram exatamente cem.

Amábile assume o 1º Aspirantado fora de Rodeio

25. O número de aspirantes cresceu tanto que o espaço se fazia pequeno em Rodeio. Por isso pensou-se num novo aspirantado, fora do Rodeio. As Irmãs Salesianas, em fins de 1933, deixaram a escola de Rio dos Cedros. Foram chamadas as Catequistas. A escola e a casa eram suficientemente grandes para abrigar as primeiras 12 aspirantes. Amábile, além dos trabalhos escolares e pastorais, foi nomeada mestra, superiora e professora delas. Amábile permaneceu em Rio dos Cedros até dezembro de 1937. Sua última coisa feita foi a construção da capela interna para as aspirantes.

Volta às raízes do solene. Sim das primeiras três

26. A partir de fevereiro de 1938, encontramos com São Virgílio, na mesma escola em que sua irmã Maria lecionara durante 15 anos. A esta altura eram 45 as escolas dirigidas pelas Catequistas. Amábile, em São Virgílio, além de diretora da escola, era a superiora da casa, mestra de um bom número de aspirantes, responsável pela capela e pelo culto na ausência do padre, diretora da Ordem Franciscana Secular, dirigente da Pia União das Filhas de Maria e coordenadora do Apostolado da Oração.

Jeito especial, familiar e seguro de conduzir o Culto

27. As irmãs e o povo recordam que Amábile tinha um jeito especial, de conduzir o culto. Gostava de cantar e fazer cantar. Aprendera harmônio com Frei Lucínio Korte. Acompanhar a Ordem Franciscana Secular não lhe dava trabalho, porque todas as Catequistas pertenciam à OFS, chamada, naquele tempo, de Ordem Terceira de São Francisco. Coordenar o Apostolado da Oração lhe dava constante alegria, porque uma de suas devoções era o Sagrado Coração de Jesus, onde buscava força para seu sofrimento e coragem para transformar o trabalho, as dificuldades e a vida consagrada em reparação e caridade. Contam as Irmãs que, chocada com a morte de Frei Policarpo, durante dias repetiu em voz alta a jaculatória preferida dele: “Dolce Cuor del mio Gesù, f ache ti ami sempre più”. Aliás, foi Frei Policarpo que ela mesma contou às co-irmãs. E teve a sorte de ter como confessor nos últimos anos de vida e como testemunha de sua morte, outro grande devoto, Frei Humberto Zeller (+1962), que costumava dar a todos como penitência, no confessionário, a jaculatória: “Tudo por vós, ó Sagrado Coração de Jesus”.

No Coração de Jesus buscava a paciência no sofrimento

28. Terá sido também no Sagrado Coração de Jesus que ela buscou tanta paciência e mansidão. No leito de morte, confessou a uma co-irmã que teve

de lutar muito durante a vida para vencer-se a si mesma e manter a serenidade na doença. Jesus poderia muito bem ter dito a Amábile o que disse um dia a São Francisco, unindo paciência e sofrimento, quando “estava atormentado mais do que de costume pelos sofrimentos graves de suas doenças”: “Tua doença é uma garantia de meu Reino e, pelos merecimentos da paciência, podes esperar com segurança e certeza que herdarás o Reino” (2Cel 213). Amábile podia não ser a guia geral da Congregação, mas certamente foi a coluna mestra, feita do testemunho da fidelidade e da paciência no sofrimento.

Estado oficializa as escolas paroquiais

29. A essa altura, o Estado havia oficializado as escolas paroquiais e as Catequistas recebiam salário. Para isso, as irmãs, que quisessem ser diretoras, se sujeitaram a exame de conhecimentos gerais. Amábile foi das 10 primeiras. Todas, aliás, foram aprovadas. A paixão pelo ensino fez Amábile retardar a aposentadoria vários anos. Por um lado, os Inspetores conheciam sua enfermidade, que tanto dificultava a locomoção e, sugeriam aposentadoria; mas, por outro lado, apreciavam sua continuação na ativa, porque a sabiam excelente professora e mestra de professoras. Um de seus ex-alunos deu esse depoimento em 1996: “Aquela, sim, que era professora! Estava 50 anos adiante da pedagogia de hoje”.

Morre, no cargo de Geral, sua irmã Maria

30. Na manhã de 20 de fevereiro de 1945, Amábile estava ao lado de sua irmã Maria, ainda Superiora geral, que organizava inesperadamente, atingida pela febre tifoide, adquirida ninguém sabia onde. Maria tinha 53 anos. A febre alcançou várias outras irmãs e aspirantes. Algumas foram compor o cortejo de Madre Avosani. Antes de morrer, Madre Maria recomendou às Conselheiras que não esquecessem a promessa que havia feito a Dom Vunibaldo Talleur, então bispo-prelado de Chapada dos Guimarães, no Mato Grosso, de mandar irmãs como missionárias à sua região. O espírito missionário acompanhava as Catequistas desde o primeiro momento. Sua vida nas escolas rurais era uma vida inteiramente missionária. Deus vinha abençoando visivelmente a Congregação. Em 1945 eram 22 as noviças. Em 1946 passaram a 26. Em 1949 eram 39. E eram 164 as irmãs. A congregação recebeu um novo Diretor, na pessoa de Frei Hugolino Becker (+2000), no mesmo ano da morte de Madre Maria. Frei Hugolino foi um grande incentivador, entre outras coisas, da expansão missionária.

As Irmãs partem em Missão ao Mato Grosso

31. A partida das irmãs para o Mato Grosso deu-se no dia 21 de fevereiro de 1947. Passo profético da Congregação. Irmã Thereza Marangoni, uma das três missionárias (as outras duas foram Ana Echer e Luzia Maria Schweitzer), que fora companheira de Amábile em São Virgílio, conta que Amábile exultou de alegria e as abençoou, oferecendo seus sofrimentos pelo êxito da causa missionária. Evidentemente que a partida não aconteceu de um momento para o outro. Foi preparado durante todo 1946. As irmãs foram escolhidas entre as voluntárias. A missão era assunto obrigatório não só das cartas-circulares que Frei Hugolino mandava periodicamente às irmãs, mas também das conversas em casa e nos encontros. A Congregação vivia um período de muita vida interna e de grande admiração por parte do povo e das autoridades civis e religiosas., internamente, depois de longa caminhada, a Congregação foi agregada à Ordem Franciscana em 1958 e, em 1964, tornou-se oficialmente uma Congregação diocesana no pleno sentido jurídico. As irmãs, que até então faziam promessa de viver em castidade, obediência e pobreza, foram todas admitidas aos votos públicos.

Amábile recolhe-se doente à Casa-mãe de Rodeio

32. Amábile não alcançou esses últimos passos. Começando o ano letivo de 1947, convenceu-se de que não podia mais. De que não convinha continuar como professora. As hemorragias se repetiam cada vez mais prolongadas. A locomoção se tornava sempre mais difícil. Havia dias que não conseguia ir à capela. Deixou de presidir as reuniões das Filhas de Maria, da OFS e do Apostolado da Oração. Aposentou-se no dia 12 de maio e recolheu-se à Casa-Mãe de Rodeio. Era Madre geral a Irmã Luisa Mondini, que fora sua aluna em Apiúna e sua vocacionada. Enquanto pôde, continuou a ajudar as irmãs novas, sobretudo ensinando-lhes a escrituração dos livros escolares, a confecção de material didático e os trabalhos manuais. Conseguiu ainda montar algumas pequenas amostras de bordados e outros trabalhos de agulha. Ainda fazia questão de ter uma pequena turma de preparação para a Primeira Comunhão. A catequese era o ar que respirava. O ser útil aos outros era seu natural. Havia prometido a Deus dedicar-se a obras de caridade e podia dizer com São Paulo: “A caridade me impele” (2Cor 5, 14).

Recebe com serenidade a notícia do fim próximo

33. Amábile acamou-se definitivamente em começos de 1952. Passou a necessitar de cuidados especiais. O câncer a consumia de forma implacável. Sofria muito. Dela bem se pode dizer o que Celano disse de São Francisco: “Carregava a cruz enraizada em seu coração” (2Cel, 211). E a carregou com

paciência infinita. Quando o então Diretor, Frei Taciano Stenzel, achou por bem comunicar-lhe que era câncer irreversível, ela recebeu a notícia com santa serenidade e acrescentou: “Eu sei que é uma doença dolorosa; mas não será maior do que a dor de Jesus na Cruz”. De fato, o médico a operara, a contra-gosto dela, por sinal. Maria Avosani, sobrinha dela, conhecida por Mariota, para diferenciá-la da tia, assistiu à operação, como enfermeira, e contou que o médico lhe retirara um grande tumor do útero e avisara as irmãs de que o câncer estava muito ramificado e que, portanto, Amábile teria poucos meses de vida.

Esperou a morte na paciência e na oração

34. Ainda a sobrinha Mariota: “Tia Amábile era um cordeiro de paciência, quando acamada”. Irmã Armênia Kliemann, uma das irmãs que cuidou dela no último ano, acrescenta: “Teria gostado que todas as irmãs a tivessem visitado para ver ao vivo um modelo de vida paciente diante do sofrimento”. Irmã Anunciata Sperandio (+1959) escreveu no *Livro de Óbitos* da Congregação: “Irmã Amábile edificou a todas na Casa-Mãe durante o tempo em que esteve acamada, pela paciência, calma e resignação com que suportou a enfermidade que tanto a cruciava. Não deixou escapar uma queixa sequer”. A paciência se somava a oração. Repetia muita jaculatórias e o Pai-Nosso. Esperou a morte como se espera uma visita amiga.

Morreu num sábado, dia 8 de novembro de 1952

35. Aos sofrimentos se acrescentaram os vômitos, sempre mais repetidos e dolorosos que, lhe traziam a mágoa de não poder comungar todos os dias. Lúcida até o último momento, enfrentou uma agonia de duas horas. Rodeada por várias irmãs, entre as quais a Irmã Clemência e a Madre Geral Luísa Mondini, segurando a mão de seu confessor Frei Humberto, como se fora a mão de Deus, Amábile entrou na plenitude do Reino na Páscoa eterna, às 11 da manhã de sábado, dia 8 de novembro de 1952. Da morte de Amábile se poderia dizer o que o Papa Alexandre IV escreveu na Bula de Canonização de Santa Clara: “Alegre-se a Mãe Igreja por haver gerado e educado uma tal filha! Ela, como mãe fecunda de tantas virtudes, gerou para a Igreja, com a força de seu exemplo, um grande número de discípulas e com sua direção segura as formou no perfeito serviço de Cristo. Alegre-se o povo devoto, porque o Rei e Senhor dos Céus introduziu, com muita glória, no seu excelso e esplendoroso palácio, aquela que Ele escolhera para sua esposa. Alegre-se também a multidão dos santos, celebrando na pátria celeste as novas núpcias da esposa do Rei”. Aquela que renuncia ao casamento para dedicar-se à caridade, recebeu do Cristo o anel nupcial do amor pleno e eterno.

Vossa sou na vida, na morte e na glória

36. Amábile foi velada na Capela das irmãs. No domingo, às 9 da manhã, celebrou a Missa de Corpo presente e, depois, o funeral, presidido por Frei Humberto Zeller, que passara o sábado e o domingo repetindo para todo o mundo: “Oh, morte invejável! Quem me dera morrer assim”. Ainda comparou Amábile a um roseiral, onde, entre os espinhos do sofrimento, florescem as rosas e o ambiente se enche de perfume. E repetiu, comovido, a última jaculatória rezada por Amábile, enquanto morria: “Jesus, para vós eu vivo! Jesus, para vós eu morro! Jesus, vossa sou na vida e na morte!” Sim, vossa sou por toda a eternidade!

Joinville, 14 de janeiro de 2002

BIBLIOGRAFIA

VALANDRO, Irmã Ede Maria, *Um Chamado se faz caminho*, edição da Casa Geral, Joinville, 1986. 282 pp.

VALANDRO, Irmã Ede Maria, *Em resposta ao clamor do povo*, edição da Casa Geral, Joinville, 1990. 430 pp.

NEOTTI, Irmã Augusta, *Amábile Avosani, Mulher de grande coração*, edição da Casa Geral, Joinville, 1996. 92 pp.

Forma de Vida (Regra e Constituições Gerais), edição da Casa Geral, Rua Des. Nelson Nunes Guimarães 346. 89201-972 Joinville, SC.

